

MIRAPORANGA: MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS.

AUTORA: GEOVANNA DE LOURDES ALVES RAMOS.

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.

Apresentação

Este artigo faz parte dos resultados parciais de um estágio realizado sob orientação da prof. Ms. Gizelda Simonini,¹ denominado “Projeto Ciência Cidadã²”, que visa resgatar a memória de um distrito denominado Miraporanga³. O projeto para resgatar a memória, assim como a revitalização do povoado, partiu da prof. Ioná Machado de Alcântara⁴, a quem nós devemos um agradecimento em especial.

Frente ao exposto, pretendemos dar ênfase a um monumento histórico localizado no mencionado distrito, juntamente sua arquitetura e como as pessoas que compõe este imaginário vivem e preservam suas experiências no dia a dia.

O monumento refere-se à capela Nossa Senhora do Rosário⁵ que em nosso primeiro contato nos pareceu à uma casa bandeirista. Porém, por sermos leigos à elementos bandeiristas propomos pesquisar alguns elementos, como a rusticidade, a harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares que compõem à capela para corroborar nossa análise. Quanto à população, gostaríamos de enfatizar o modo de vida, suas expectativas e descrever a ligação que existe entre essas pessoas e a capela.

Neste sentido, como fontes documentais, pesquisaremos em particular a Ata do Histórico dos Distritos, como também em especial a obra de Tito Teixeira⁶, “Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central”, fontes locais e orais. A partir destas inquietações, questionar a decadência e estruturas do povoado.

A localização do vilarejo onde a mesma se encerra faz parte de um passado não muito distante da cidade de Uberlândia⁷. Reportando-nos a alguns anos antanho e procurando conhecer um pouco mais sobre o distrito e seu cotidiano, com olhar de historiador, observaremos essa comunidade valorizando fatos, procurando ser um pouco investigadores com nosso objeto, desenvolvendo nossa pesquisa.

Sabíamos que a realização deste trabalho não seria fácil e era claro que muitos obstáculos iriam surgir, dado aos poucos documentos existentes no que diz respeito à capela e ao povoado. Mesmo assim, não nos intimidamos e resolvemos seguir em frente e concluir o trabalho.

É no decorrer da estrada quase toda horizontal, com paisagens que quase se desfizera por completo com a chegada do reflorestamento, numa curva aqui, noutra ali, de repente surge o distrito - Miraporanga⁸ - com suas primeiras casas e o silêncio dos moradores, que não se desfez ao longo dos anos.

Ao chegar no povoado, percebe-se como as pessoas habitam, a meninada, de princípio, olhando curiosas e poucas mulheres conversando debaixo das árvores.

Não há muito o que se conhecer no distrito, somente uma escola, casas coloniais cercadas de matos, poucas rosas e árvores frutíferas. Se encontra também, um cartório com um grande acervo documental de época e um cemitério... com pedras antigas e sepulturas rústicas. um ou outro sepulcro conservado e as lápides têm suas inscrições toscas, quase apagadas. Há duas Igrejas no povoado, mas somente uma encanta a região: a Igreja Nossa Senhora do Rosário. A outra igreja é a Nossa Senhora do Carmo, hoje desativada devido às péssimas condições de conservação, construída em meados de 1960.

Ali, no povoado, o tempo parou num ano qualquer, mas os dolorosos problemas provocados pela escassez de dinheiro, os desafios do cotidiano ainda permanecem perdidos em um mundo tão diferente da cidade grande. Na pequena e discreta “Santa Maria”⁹, ainda se convive com pequenos animais e os homens parecem não terem pressa, confinados em seu mundo dispersos das grandes concentrações urbanas.

O tempo parece não ter passado, e quem habita nesta comunidade, amanhece com o cantar do galo penetrando e invadindo as janelas. A fumaça das chaminés traz de volta o passado com as mulheres preparando pratos tradicionais. No quintal, observa-se as raízes e plantas medicinais, que dada a falta de comércio local, busca-se à alternativa de curar doenças como gripes e bronquites deixando as doenças mais graves na expectativa do destino. Sobrevive-se, simplesmente com o que se tem.

Quando o vento ruge, a estrada é coberta pelo pó da terra e se percebe que a chuva está chegando, afinal poucas ruas são asfaltadas. Estas indicações nos sugerem o descaso do poder público com a região, mas ainda se percebe que essa gente vive solta no tempo como os passarinhos, os anos não os têm abençoado com mudanças.

São poucos os habitantes que restaram no distrito e os mesmos buscam trabalho no campo, devido não existir atividades econômicas locais. Historicamente, esta região foi povoada. Se formos levados pelas informações das fontes documentais, a partir de 1880, percebemos que o povoado constituía-se de casas comerciais de primeira classe, como cita-se, as firmas Ângelo Zócoli, sob a gerência de Francisco Cota Pacheco, José Ribeiro Guimarães- Zequinha Novato-, Evaristo José de Oliveira, Onofre Ferreira e João Rodrigues da Silva¹⁰.

Havia também, a central de telégrafos¹¹ que ligava a região ao estado de Goiás e agência de correios. Essas evidências demonstram que “Santa Maria”, constituía-se no entreposto comercial muito importante na região. Dentro desta análise, é de se estranhar que dada a sua importância, a história da mesma seja retratada com pouca relevância na história triangulina.

As indicações nos sugerem que, a então referida mudança do nome do distrito, citada anteriormente, leva aos historiadores a seguinte reflexão: a política local reservara um outro destino ao povoado. Destino este, que os colocaria à margem da modernidade. Acreditamos ser possível, e as evidências nos fazem pensar que assim aconteceu.

A verossimilhança dos fatos nos permite pensar que assim se deu pois, se a princípio formos levados pelas informações da memória histórica de Uberlândia, quanto ao prolongamento da linha ferroviária que ligaria as regiões de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, vemos que

*“Quando se pensou em construir esse prolongamento, num primeiro lance, houve dúvida quanto ao seu traçado: ou seguiria até Estrela do Sul passando por Nova Ponte, ou seguiria até Monte Alegre passando por Santa Maria.”*¹²

Para nós, ao que indica na documentação, o então coronel José Teófilo Carneiro, não se conformou com o trajeto proposto, com medo de que São Pedro de Uberabinha¹³ ficasse no esquecimento e montando a cavalo seguiu para Campinas com o intuito de convencer às autoridades da Companhia que o traçado mais racional seria Uberabinha/ Araguari.

Em seus trabalhos, o memorialista Tito Teixeira, que traçou um panorama de toda a região do Triângulo, anteriormente denominado como Sertão da Farinha Podre¹⁴, escreve que o povoado teve origem em 1810, com as primeiras caravanas dos bandeirantes que almejavam chegar em Goiás. No estudo da documentação arrolada, “Santa Maria” se transformou rapidamente em grande parte por sua localização, que se situa entre Uberaba, Prata, Monte Alegre e Araguari, ao lado da Estrada Real aberta pelo famoso Anhanguera, sendo que esses fatores geográficos corroboraram para o desenvolvimento da região.

A historiografia local não faz nenhuma menção significativa do distrito de Miraporanga. Os historiadores e cronistas da região insistem em não considerar a relação estreita, porém considerável que o mesmo teve no processo de formação do Município de Uberlândia. Desde fontes mais recentes às mais tradicionais não encontramos nenhuma referência relevante ao povoado.

De acordo com o *Histórico dos Distritos* que se encontra no Arquivo Público de Uberlândia,

(...) em princípios de 1810, época de estiagem, penetravam pela Mesopotâmia- rios da Prata e Tijuco, atravessaram o Rio Passa Três e foram até o Rio Paranaíba, atingindo Santa Rita

*dos Impossíveis, hoje Itumbiara, ao ocidente da estrada do Anhanguera. Esta bandeira, que demandava ao pôrto de Santa Rita dos Impossíveis, transpôs o ribeirão da Estiva, onde formou a primeira colônia que passou a denominar-se Santa Maria*¹⁵.

Considerando essa narrativa, o povoado de Santa Maria antecede à origem de Uberlândia cerca de seis anos. Partindo dessa premissa, como historiadores clássicos da região, se limita a citar o distrito, somente quando se refere às igrejas¹⁶ da região, reconhecendo não existir nenhuma relação entre o primeiro e a cidade de Uberlândia? Percebemos que o povoado se constitui de particularidades e que a memória contida nesse espaço nos permite observar coisas novas, valorizar fatos que antes não eram apontados, ou apenas apontados dentro de uma pesquisa ou do discurso produzido.

Para resgatar a História-Memória, podemos perceber, na análise de Pierre Nora,

*“Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que tornam interessantes, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração”*¹⁷.

O povoado está inserido em um determinado lugar, construído por pessoas de culturas específicas, buscando a preservação de seus costumes. Em Miraporanga, como em diversos lugares deste imenso Brasil, existem “Histórias” e “estórias”, e muitas histórias do povoado, podem ser observadas como exemplo, o depoimento do Sr. Hélio Rodrigues da Cunha, 67 anos, que mora em “Santa Maria” desde que nasceu, sendo que seus avós foram um dos primeiros moradores do local. Seu avó contava de um padre que namorava as moças do distrito e o ‘pessoal se reuniu, pegou o padre e passou óleo de piche nele. Aí o padre excomungou o distrito, dizendo que “Santa Maria” iria acabar em buraco’.

Constatamos, ao analisar o documento, o *Histórico dos Distritos*¹⁸, sendo o mesmo um documento oficial e bastante antigo pela sua própria ortografia que ao longo do tempo se modificou, nos revela uma dimensão importante das omissões históricas: a negligência do papel de “Santa Maria” para a formação do município de Uberlândia não foi por desconhecimento.

A documentação do Arquivo Público evidencia que os historiadores e memorialistas da região tiveram fontes que comprovavam a importância do povoado, porém não as consideraram. No mesmo documento encontramos: *“a partir de 1880 o comércio de Santa Maria passou a ser considerado o mais importante da região”*.

A relevância fica mais evidente quando se verifica os decretos de 1888,

“Santa Maria foi desmembrada dos termos de Monte Alegre e Prata e São Pedro de Uberabinha do termo de Uberaba, pôr efeito do decreto n. 51 de 7 de junho de 1888, que elevava à

categoria de vila a freguesia de Uberabinha, anexada à de Santa Maria”¹⁹.

Nesse período “*A população das Freguesias de Santa Maria e São Pedro de Uberabinha não era inferior a quatorze mil habitantes*”²⁰. Assim parece lógico a importância e a relação estreita entre as duas freguesias, que estavam em pleno crescimento econômico, mas que na história de Uberlândia, “Santa Maria” ficou no esquecimento.

As indicações nos sugerem que, em Miraporanga havia um número considerável de população escrava, que vem a se confirmar através de vestígios que se encontra atualmente no distrito. Através da leitura de documentos de época no acervo do cartório local, no estudo da documentação relativa à este assunto, vemos que a venda de escravos era cotidiana. Se, por um lado, analisarmos os marcos existentes no povoado, constataremos que tanto a Igreja Nossa Senhora do Rosário, construída no século XIX, por volta de 1850 a 1852 e os muros existentes, confirmam nossas evidências. No jornal local, vemos a seguinte citação, “*Na Capela de Nossa Senhora do Rosário, construída por escravos, pararam para repouso os integrantes...*”²¹ neste sentido, o jornal ilumina nossas análises e nos possibilita entender que de fato havia escravos no vilarejo.

No povoado existe um córrego denominado Estiva, ao atravessá-lo e percorrer uns 300 metros morro acima, avista-se a igreja. É uma reminiscência de uma das primeiras construções de estilo colonial, e é possível identificá-la como não sendo bandeirista por não se enquadrar no contexto tipológico daquelas. Em primeiro lugar sua edificação se deu num período em que as “bandeiras” já haviam se extinguido, isto ocorrendo em meados do final do século XVIII, portanto quase meio século antes da construção da capela.

Como vimos, a construção da capela se deu 40 anos depois de fundada a vila de “Santa Maria” e, fica assim uma questão: a dúvida se houve ou não, outra, ou outras igrejas antes de sua construção. Em seus trabalhos, Tito cita que em meados de 1880, “*A sede distrital nessa época já dispunha de três igrejas..*”²². A grande questão é que, duas igrejas existiram mas, e a terceira? Uma das igrejas mencionadas pelo memorialista é a capela Nossa Senhora do Rosário, a outra foi edificada na Praça Chafariz, hoje sem nenhuma construção significativa, sendo guardada apenas pelo Cruzeiro Centenário e um velho chafariz. São marcos da fundação do povoado por volta de 1810. Percebemos claramente através da análise de uma foto, do arquivo pessoal da prof. Ioná Machado de Alcântara, professora à 13 anos da escola local. A foto nos permite observar que a igreja já estava bastante velha e em destruição quando foi retratada pelo fotógrafo, com o cruzeiro centenário e o chafariz, o que vem a confirmar que a mesma se trata de uma das três igrejas mencionadas pelo memorialista, já que o mesmo escreve na década de 1970. Já a terceira igreja não temos nenhuma pista aceitável para confirmar o dado de Tito Teixeira.

A igreja Nossa Senhora do Rosário apresenta fachada simples, simétrica, telhados de duas águas e não possui torre sineira, dado fundamental identifica as capela paulistas. O material utilizado em sua construção foi o tijolo adôbe, e sua disposição interna é demarcada por corredores laterais. O piso é de tábuas com aproximadamente 0,40 m de largura. As portas e janelas são construídas de madeira e o sistema de abertura é de dobradiças comuns²³.

Comportava em seu interior a imagem da padroeira do vilarejo: Nossa Senhora das Neves, sempre venerada no lugar, mas que com o conhecimento do valor, foi retirada da capela. Conforme depoimento da prof. Ioná, as autoridades religiosas, alegaram que o distrito não possuía segurança apropriada para que a mesma permanecesse no local. Belíssima imagem, de autor desconhecido, autêntica obra de arte, de valor inestimável. No altar, juntamente com a santa, permaneceu São Sebastião, ao que parece foi um dos santos de grande devoção do povo triangulino do século XIX²⁴.

As manifestações culturais estão restritas às lembranças românticas dos moradores mais antigos, acerca das Folias de Reis, Congado, leilões, procissões e às rezas em homenagem à santa Nossa Senhora do Carmo. Conforme depoimento da prof. Ioná, as tais manifestações se resumem às comemorações das festas juninas realizadas pela escola local e comunidade. Nas festas, o tradicional terço ainda é rezado e os mastros são levantados em homenagem aos santos, S. João, S. Pedro e S. Antônio.

É neste ambiente simples, sem sombra de dúvida, que a comunidade se encontra e faz “uma viagem histórica”, especialmente trocando memórias advindas de um passado não muito distante dos primeiros tempos do distrito, outrora importante centro de irradiação econômica regional e, hoje em decadência.

Assim, esse povoado histórico de Minas, permanente no tempo, possui muitas histórias/memórias. O patrimônio histórico, a capela de Miraporanga é um sinal do passado, que permanece no tempo, e que foi e é de indiscutível valor para a nossa história. As condições de vida, hábitos, comportamentos sociais e as relações entre os habitantes dessa pequena comunidade trazem à tona, o “renascer” desses sujeitos considerados até então a-históricos.

Trabalhar no bojo das experiências cotidianas de trabalhadores, crianças, pessoas comuns, vistos até então como sujeitos anônimos, mas que tiveram seu momento na sociedade, é antes de tudo explorar estudos sociais, não colocando de lado o geral pelo particular, mas sim revelar as experiências humanas.

A história social fornece ferramentas ao historiador permitindo que se faça um resgate de temas locais e regionais, principalmente porque abre um leque de opções, ou seja, induz à interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, preenchendo lacunas quanto às questões pendentes antanho não resgatadas na historiografia convencional. Ora, sendo possível conhecer e

caracterizar as atividades vivificadas por diferentes pessoas em nossa região, analisando o nosso presente partindo do passado, procurando observar as condições de vida, hábitos e comportamentos sociais desses sujeitos.

Nosso propósito, como historiadores, é destacar a importância da análise do que tem representado a História Local, verificando as semelhanças e/ou diferenças, percebendo como é importante prosseguir no estudo regional.

Digna de estudos mais aprofundados, o distrito de Miraporanga, se apresenta com muitas interrogativas a serem analisadas, mas que, para tanto faz-se necessário aprofundar em fontes escritas e orais, problematizando muitas questões aqui pendentes. É exequível pesquisar determinada sociedade, sua origem e o processo de sua permanência em um determinado lugar, bastando para isto, um aprofundamento no campo da investigação histórica pelo historiador.

Notas:

¹ Gizelda Simonini: Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² Projeto vinculado à SEMCET (Secretária de Ciência e Tecnologia) e a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Uberlândia.

³ Miraporanga – Mira – poranga do Tupi Guarani – local pequeno e bonito.

⁴ Ioná Machado de Alcântara: Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia, com habilitação em Supervisão Escolar.

⁵ Capela Histórica , localizada no distrito de Miraporanga, construída entre os anos de 1850 e 1852.

⁶ Tito Teixeira é um memorialista da região de Uberlândia e da História do Triângulo Mineiro.

⁷ Uberlândia – cidade do leste do Brasil, no Estado de Minas Gerais, junto ao rio Bom Jardim. É o centro comercial e de transporte de uma vasta região agrícola e produtiva de gado situada entre São Paulo e Brasília.

⁸ Vide citação anterior, nota n. 3.

⁹ Santa Maria era o antigo nome de Miraporanga, que foi substituído pelo então prefeito de Uberlândia Vasconcelos Costa, em 1945 para evitar a confusão com Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

¹⁰ Conforme pode ser lido na obra do memorialista Tito Teixeira, *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*, pp. 540-541.

¹¹ Teixeira, Tito, op. Cit., p.540.

¹² Revista ACIUB- Associação Comercial e Industrial de Uberlândia. Edição Alusiva ao Cinquentenário de sua fundação, 1973. p. 16.

¹³ Em 1929, o município deixa de se chamar São Pedro de Uberabinha, passando a se chamar Uberlândia, nome sugerido por João de Deus que significa “terra fértil”.

¹⁴ Termo originário de uma tradição usada entre os bandeirantes de armazenar alimentos em árvores ou troncos destas, com o intuito de lhes aliviar a bagagem e se proverem quando necessário. Usando de tais métodos, uma das Bandeiras, dizem, teria deixado diversas “bruacas”, contendo gêneros do país, suspensas nos galhos e quando regressaram, encontrou avariada a farinha. Por esse motivo, ficou conhecido por Farinha Podre. Nabut, Jorge Alberto. *Desemboque Documentário Histórico e Cultural*. Arquivo Público de Uberaba, 1986, pp. 151-152.

¹⁵ Arquivo Público Municipal, Ata do Histórico dos Distritos, p. 14.

¹⁶ Existe uma confusão referente à essas igrejas quanto às suas denominações: “Nossa Senhora do Carmo”, “Nossa Senhora das Neves” e “Nossa Senhora do Rosário”. Não se sabe ao certo se existiram três igrejas, ou se foram duas. Ver op. Cit. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*, p. 541.

¹⁷ Nora, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”. In: *Projeto Histórico*. N. 10. Programa de Estudos de Pós-Graduados em História da PUC/S.P. São Paulo. EDUC. dez. 1993, pp. 7-28.

¹⁸ Op. Cit. p.14.

¹⁹ Op. Cit. pp.14-15.

²⁰ Idem, p.03. Vale ressaltar, que é um número considerado de habitantes, talvez até exagerado. A cidade de São Paulo quase no mesmo período, em 1872, tinha 31 mil habitantes. Fonte: Fausto, Bóris – *Trabalho Urbano e Conflito Social*.

²¹ Correio de Uberlândia, Sábado, 29 de agosto de 1987, p.19.

²² Op. cit. 541.

²³ A . C. Lemos, Carlos – *Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos: Ed. Universidade de São Paulo, 1979.

²⁴ Nabut, Jorge Alberto. Op. Cit.